

## A PROPÓSITO DE BOCAGE

**Francisco Ribeiro da Silva**

Universidade do Porto

Em nome do Reitor do Universidade do Porto agradeço o convite que nos foi dirigido para presidirmos à abertura deste Colóquio. Felicito os organizadores pela excelência do conjunto de conferencistas que conseguiu reunir e desejo às senhoras e senhores congressistas uma inesquecível estadia na Universidade e na cidade do Porto.

Não sendo especialista de Literatura e, muito menos, de Bocage, não me atreverei a discorrer sobre a sua obra. Contudo, para não me limitar a lugares comuns, gostaria de deixar à vossa consideração duas ou três notas de reflexão pessoal.

A primeira é que embora o nome do poeta Bocage seja razoavelmente conhecido entre o grande público, talvez não o seja pelos melhores motivos. Ou seja, fala-se de um certo Bocage satírico e burlesco mas ignora-se que tem sido justamente considerado por muitos o maior poeta português do séc. XVIII. Aliás, grandes nomes da literatura portuguesa e da crítica literária prefaciaram e promoveram a edição das suas obras. Isso não significa que os textos de Bocage tenham a divulgação que merecem. Por isso, impõe-se aos universitários que não se limitem a discutir no interior da Academia os méritos do escritor mas que difundam os seus poemas. Este Colóquio é um meio excelente.

Por outro lado, a época em que Bocage viveu foi tempo de confrontação e de contradição entre um mundo velho, marcado pelo autoritarismo político e cultural, pela intolerância religiosa, pela inquisição, pela teocracia, pelo cesaropapismo, pela submissão e um mundo novo que se queria dirigido para e pela Liberdade, pelo livre pensamento, pela livre criação, pelo progresso, pela fé nas capacidades do homem. Bocage sofreu ele próprio as contradições da época, visto que foi expulso da Nova Arcádia por ter posto a descoberto a mediocridade de alguns académicos e foi preso no Limoeiro às ordens de Pina Manique pela sua iconoclastia irreverente e anticlericalismo mordaz, muito embora se tenha reconciliado com os princípios religiosos que aprendera em menino e nunca tenha sido um adepto incondicional da Revolução Francesa.

A contradição não foi por ele experimentada apenas no tocante aos sentimentos e às opções morais, religiosas e filosóficas. Também ao nível dos cânones literários e estéticos teve que saber fazer a ponte entre o classicismo de Camões que ele idolatrava e o romantismo individualista, solitário e sofrido que vinha lançando raízes.

Não queria terminar sem uma última nota: é que o mundo livre de despotismos, de afirmação da valia de cada ser humano e de igualdade de direitos que alguns homens quiseram construir nos finais do século XVIII jamais se realizou. Mas a nossa época, a época em que vivemos, apesar das terríveis contradições do nosso tempo, retomou esses anseios e muitos fazem deles programa de vida. Não será que Bocage recuperado nos ajudará a compreender a contradição pessoal e social como uma condição do progresso humano?